

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3,800	1,800	590	5120
Possessões ultramarinas (idem)...	4,000	2,000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5,000	2,500	—	—

18.º Anno — XVIII Volume — N.º 606

25 DE OUTUBRO DE 1895

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.



## CHRONICA OCCIDENTAL

Complicações diplomaticas — assumpto pesado; revoltas na India, guerras em Lourenço Marques — assumpto triste.

Vibram as campainhas electricas, batem pancadas irregulares as alavancas nos receptores, correm os pobres distribuidores dos telegrammas, adormecem cançados sobre os appparelhos os telegraphistas. A viagem d'El-Rei! Nunca Portugal foi tão falado nos centros politicos da Europa. D. Carlos, Humberto, o Papa, Mouza, Roma, o sobrinho d'El-Rei de Italia, Sua Magestade Fidelissima...! E afinal talvez tenha razão quem disse que Portugal fóra apenas o porquinho da India em que fizeram experiencia cruel as grandes potencias.

Choram as noivas, choram as mães, porque os noivos, porque os filhos vão talvez bater-se na India, andam a bater-se pela Africa. E enquanto a diplomacia trata de aclarar casos escuros, dêmos um sorriso compassivo, cheio de esperanza, ás que hão de sorrir n'uma esperanza por entre as lagrimas.

O tempo vae triste e chuvoso, o sudueste canta lugubre encapellando o Tejo, a barra ruge ao longe, o céu é pardo, as aguas são pardas, as almas entristecem por este tempo chuvoso. Coitados dos que foram para longe! Anoitece já cedo agora e pelas longas noites, durante o serão, bem fechadas as janellas, na mansidão da luz do velho candeiro, ouvindo a chuva a bater nas vidraças, vai a lembrança para os que

foram para longe e deixaram o frio n'aquella casa.

Na saudade verdeja uma esperanza. Tristes d'aquelles a quem a esperanza fugiu.

Março ha de chegar florescendo as olaias; as cigarras hão de cantar nos ramos floridos. As almas dos tristes hão de florescer tambem; nos cabellos brancos das mãos, nos labios rubros das noivas da de estalar uma musica de beijos.

*All's well shat ends well.* Tudo ha de acabar em bem, e chega a ser um bem a dôr presente quan-

do fonte de vindouras alegrias. Tristes d'aquelles a quem a esperanza fugiu, a derradeira esperanza com a alegria. Chove constantemente. Não ha um pedacinho de céu azul entre os rasgões das nuvens. Precisamos procurar refugio á tristeza que nos invade.

A arte é como a religião, balsamo milagroso para os que n'alla sabem crer, alto, consolador refugio das almas afflictas, filha querida de todas as religiões, altissima, poderosa companheira do christianismo, que a inspirou para a mais com-

movente das architecturas, para os seus quadros geniaes, para a mais bella das poesias, para a mais arrebatadura das musicas.

Falámos d'arte, falemos de Novelli; vejamos até que ponto o talento privilegiado, o esforço d'uma vontade energica, a fé n'um ideal, a constancia n'essa virtude, que se chama honra artistica, puderam transformar esse quasi-mytho da *Simplicidade* na verdade visivel que nos commove, nos faz chorar, nos enthusiasma e nos deslumbra.

Esse deve ser o ideal de todos os artistas e nada mais complicado entretanto do que o caminho para attingil-o, caminho cheio de monstros como o dos romances de cavalleria. No alto da rocha quasi inaccessible ergue-se o castello luminoso; mas para lá chegar, para arvorar o pendão branco na torre de menagem, ha florestas negras a atravessar onde os espinhos se entrelaçam, rochas abruptas a subir que deixam as mãos em sangue, labyrinthos onde os mais sagazes se perdem; é preciso esmagar nos outros a ignorancia, os erros preconcebidos, dar-lhes olhos para distinguir o ouro do latão, o diamante do vidro, dar-lhes ouvidos que não afaguem palavras sonoras porque são ôcas; em nós mesmos, adoradas criações do nosso egoismo, carne da nossa carne, é forçoso esmagar a vaidade que

## EXPEDIÇÃO MILITAR PARA A INDIA



S. A. O SR. INFANTE D. AFFONSO — COMMANDANTE DA EXPEDIÇÃO

(Cópia de uma photographia do sr. A. Bobone)

nos tenta a colher os applausos baratos e faceis, a preguiça que nos leva a não procurar meios de commoção afóra os que já sabemos certos, a mentira com que já nos enganamos a nós mesmos á força de com ella termos enganado os outros.

A simplicidade resultante d'um aturado estudo, n'um esforço fatigante, d'uma vontade dominadora, d'um adejo constante para um ideal intangível, é a grande, a extraordinaria qualidade de Novelli, é ella quem o sagra artista, quem sobre a sua bella cabeça colloca a tiara d'oiro de summo sacerdote.

Como vai longe o ideal do actor que d'antes, no papel procurava primeiro os efeitos, antes de mais nada. *Os efeitos!* Terrível monstro de lingua bifurcada, garras de leão, azas de morcego, cauda de serpente, que está a pedir um S. Jorge que lhe enterre a lança nas goelas a lançarem chammes e fumo negro!

Os efeitos quer dizer as palmas do publico. E, n'este circulo vicioso do que o publico quer e do que se lhe deve dar, soffre a arte innocente, a arte redemptora, a arte refugio.

Não é só no theatro, e, se falei de efeitos e de actores, foi porque vinha a pelo e falára de Novelli. O mau gosto, o desejo de fazer crer o que não é, de dar na vista, de ser applaudido pela tolice apparatusa são vicios vulgares n'este fim de seculo, mórmente na sociedade em que o nivel intellectual desceu a uma mediocridade assustadora. Quem a conheceu bem foi aquelle cangalheiro que annunciou enterros pobres parecendo ricos. Que importa o que é? Basta que importe o que parece.

Ha tempos um janota de verão, sem collete, chapéo de palha, cinta preta, bota branca, flôr na lapella, typo classico de praia burgueza, sahinho n'aquelle instante d'um armazem de modas chôchas, contente com a sorte e consigo, benza-o Deus, defronte do theatro de D. Maria, d'onde saem os americanos, contemplava as ruinas do Carmo. Conversava com outros.

Um d'elles era de opinião que se devia arrazar aquillo, aquella porcaria. O outro meditava. E porfim:

— O que era catita era um chalet ali em cima. Os outros olharam para elle.

— Que cabeça!

Effectivamente um chalet ficava ali em cima quasi tão catita como fica a fábrica do gaz por de-traz da torre de Belem. Aquelle enorme cylindro negro, aquelle alta chaminé vomitando fumaradas negras, os enormes depositos de carvão negro, as almas negras que votaram aquella negregada construção, gritam, berram com toda a força dos pulmões ao viajante que entra pela barra:

— Olha! olha! Tu pensas que ainda estamos agarrados ás trevas do passado? Que nos importam tradições? O progresso é tudo! O progresso!

E incham as bochechas para dizer: = O progresso!

Como ha de esta gente da telha de Marselha e das bolas de vidro aos cantos do telhado perceber que esforço é necessario para atingir na arte essa scientifica, elegante, idealissima simplicidade de curva mathematica sempre a caminhar para o infinito, sempre a approximar-se da asymptota, a linha intangível?



O ACTOR NOVELLI

Novelli é mais de que um actor, é um missionario, modelo para todos os artistas, prégando a fé com o exemplo, mostrando a força colhida na fonte da honestidade.

Vimol-o no *Papá Lebonnard*, no *Luiz XI*, no *Oswald dos Espectros*, no condemnado da *Morte civil*, no personagem principal d'uma ligeira comedia franceza, no *Diogenes* e em outro monologo, e sempre Novelli procurou pelo processo mais simples, pelos meios mais naturaes dar a necessaria commoção, dentro dos limites do bom senso e do bom gosto.

O publico para elle desapareceu. Como lhe seria facil ás vezes fazer explodir os applausos, levantar entusiasticamente a turba, enrouquecer aquellas gargantas. Soffresse a arte embora. Porque o não faz?

E' que Novelli não faz scenas, faz papeis. E' que Novelli traz consigo uma obra e é preciso vel-o em tudo para perceber qual o ideal que pretende attingir, qual a fé que prega, qual a paixão que o abraza.

Póde uma vez ou outra ser discutivel a interpretação d'um papel, quando, por exemplo, se trata d'uma peça romantica com situações calculadas, efeitos preparados, contrastes brutaes em que muitos auctores fundaram as suas melhores esperanças e que Novelli esfuma até quasi fazel-os desaparecer, emendando quasi a peça no que elle tenha de mais afastado do ideal artistico do seu interprete. Citarei, que me lembre agora, o final do terceiro acto do *Luiz XI*, em que Novelli em tom de conversação, despresando a rubrica, que lá está ou deveria estar no pensamento de Casimir Delavigne, manda que a côrte vista de luto pela morte do duque de Borgonha. O contraste na forma d'um papel, que muitas vezes desmancha completamente um caracter traçado, foi por muito tempo, e ainda o é hoje, truque valido de muitos auctores, laço grosseiro em que o publico cahia e cai constantemente. Era um efeito certo n'um papel. Deve o actor lançar mão d'elle, respeitando o pensamento do auctor? E' ponto discutivel e pode uma consciencia tranquillizar-se se põe os olhos n'um ideal superior a uma obediencia cega. Discutivel é tambem se um actor é criador ou não.

Foi um verdadeiro acontecimento artistico a primeira recita do celebre artista italiano com o *Papá Lebonnard*, mas a representação dos *Espectros* que pela primeira vez em Lisboa tornaram conhecido o nome glorioso de Ibsen, o pujante dramaturgo norueguez, foi certamente o maior acontecimento litterario d'estes ultimos annos em Portugal.

A Novelli o devemos.

Santo refugio aos tempos tristes que vão correndo.

João da Camara.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### A EXPEDIÇÃO MILITAR PARA A INDIA

Mais uma revolta na India portugueza vem juntar-se á guerra que se fere na provincia de Moçambique, contra o Gungunhama, havendo ainda outra revolta em Timor, que reclama as providencias do governo da metropole.

Esta successão de guerras no ultramar estão reclamando mais alguma coisa que simples expedições militares altamente dispendiosas e que mal satisfazem ás necessidades de momento.

Parece que é tempo de cuidar seriamente nos nossos dominios de além mar, organisando o exercito a modo de garantir a integridade da patria, sem estas medidas extraordinarias, que pela frequencia que estão tendo e que, infelizmente, é de esperar se continuem, bem indicam a necessidade de uma grande reforma na organização militar, que torne mais effectiva a sua acção quer na metropole quer no ultramar, sem os graves inconvenientes que assim apresenta.

A insubordinação militar que se deu agora na India é um dos inconvenientes da actual organização do nosso exercito, pois que a ella deu causa.

O governo precisando mandar mais forças militares, para a provincia de Moçambique deu ordem ao governo da India para d'ali serem mandadas, como já o foram em outras occasiões, mas exactamente por isso é que d'esta vez se insubordinaram os marathas, com o fundamento de lhe terem faltado ao que d'outras vezes lhe prometeram.

Esta é uma das versões que correu sobre a causa da insubordinação que se deu agora.

A noticia da insubordinação de cerca de 400 marathas que se negaram a ir para Moçambique conforme as ordens do governo da metropole, não podia ser mais grave.

Os marathas haviam abandonado os quartéis em a noite de 14 do corrente, armados e municados, em altas exclamações pelo seu Deus, e disparando tiros para o ar, dirigindo-se para Ribandar. Tinham sido inuteis todos os esforços e intimações do commandante, sr. Felner e de outros officiaes, para chamar á ordem os insubordinados, não havendo confiança no resto das forças, que pouco a pouco se lhe foram unir sem se lhes poder oppôr resistencia.

A causa apparente da insubordinação era, a ordem de partirem para Moçambique; é todavia certo que outras causas, além das que referimos a determinaram, não sendo a de menos pezo o descontentamento que lavra na classe militar indiana pela ultima reforma decretada.

O governador da India sr. visconde de Villa Nova de Ourem, enviou contra a tropa insubordinada, o resto das forças militares que se conservavam fieis, mas estas debandaram sem presegirem os seus camaradas, o que deu em resultado ficar a cidade desguarnecida e o governo sem força para garantir a ordem.

Em telegramma recebido em Lisboa no dia 19 do corrente, participava o governador que os marathas em Ranes tinham roubado o cofre e lançado contribuição, e o mesmo tinham feito em Sanquelim, Bicholim, Mapuçá e Pernem recendo por outras provincias.

Acrescentava ainda o telegramma, que o governador se achava intrincheirado na capital com alguns officiaes, empregados e policia, duvidosa, tendo distribuido armas aos proprietarios.

Estavam por enquanto salvos os cofres da fazenda, em Goa.

O governo da metropole tinha entretanto dado as providencias que o caso reclamava, e com presteza pouco vulgar organisou immediatamente uma expedição militar para ir em soccorro da India.

Essa expedição composta de duas companhias de guerra de infantaria 3, na força de 444 praças, e 11 officiaes; uma companhia de cavallaria 3, na força de 70 praças e 4 officiaes; uma secção de artilheria de montanha, na força de 40 praças, 1 official e 10 muares; pessoal de serviço de saude e de administração militar, apromptou-se em 5 dias partindo de Lisboa a bordo do vapor *Zaire* da Companhia Nacional, no dia 21 do corrente.

Commandando esta expedição foi Sua Alteza o Senhor Infante D. Affonso, tenente coronel honorario de artilheria, de que publicamos o retrato na primeira pagina.

O sr. infante D. Affonso tomando o commando da expedição, afirmou patrioticamente os seus brios militares, deixando as commodidades da sua vida de principio pelos incommodos e azares da guerra em longiquas regiões, outr'ora illustradas com tantos feitos gloriosos dos Gamas, Castros, Albuquerque e tantos outros.

A esta força do exercito deve juntar-se uma esquadilha de guerra, que o governo mandou reunir no mar da India, sob o commando do sr. Ferreira do Amaral.

Dias antes da partida da expedição, seguiu para a India o capitão de fragata sr. Raphael Jacome Lopes de Andrade, nomeado governador geral da India em substituição do sr. visconde de Villa Nova d'Ourem.

O sr. Lopes de Andrade, de que publicamos o retrato, é um dos mais distinctos officiaes da armada com longo tirocinio e que tem desempenhado commissões de governo no ultramar por varias vezes.

Nasceu em Lisboa a 1 de outubro de 1851, filho do commendador Raphael José Lopes de Andrade, grande liberal.

Tem desempenhado commissões de commando entre estas o da *Rio Lima*, em que se distinguio de modo brilhante.

Nomeado governador de Timor, em occasião que esta possessão portugueza se achava revoltada, o seu governo foi acertado e a paz restabelecida, passando depois ao governo de Moçambique.

N'esta possessão o seu governo foi alvo de grandes opposições pelos abusos que cortou, tendo ainda a guerra contra os macanjas, que lhe valeu a commenda da Torre e Espada, pelo modo porque a venceu.

Foi depois nomeado governador geral da India, onde pelas mesmas razões que em Moçambique, o seu governo teve opposição, e agora para lá volta novamente em occasião difficil, o que torna a sua missão tanto mais espinhosa.



## EXPEDIÇÃO MILITAR PARA A INDIA

Era logica esta supressão ou extinção do exercito indiano em todos os seus elementos d'organisação? Estava ella em harmonia com a organisação militar não só dos povos modernos, que possuem colonias distantes, como são a Grã-Bretanha, a França, a Hespanha e a Allemanha?

Quem se atreverá hoje a decidir pela affirmativa?

Poude a republica e depois o imperio romano, manter a integridade colonial, e o seu prestigio militar, durante seculos, não deixando d'enviar as suas legiões ás diferentes regiões em que fluctuava a bandeira nacional, impellidos assim pela força natural das coisas, e Portugal, pequena nação do occidente da Europa, que carecia mais do que nenhuma outra de vigiar pela conservação do seu dominio na India, havia de desinteressar-se completamente d'essa ideia salvadora?

Foi portanto na nossa humilde opinião, então, como hoje, um erro fatal esse da extinção do exercito indiano, que deixou a India á mercê das ondas revoltas dos acontecimentos.

E' verdade que a não do Estado indiano foi dirigida algumas vezes por intrepidos pilotos como foram o Visconde de Villa Nova d'Ourem, o general Visconde de S. Januario, o vice-almirante Caetano d'Albuquerque.

E' verdade que sob a sua administração se operaram n'aquella região prodigios de severa e boa administração colonial, mas é tambem verdade que elles foram muitas vezes



RAPHAEL JACOME LOPES DE ANDRADE

NOVO GOVERNADOR GERAL DA INDIA

(Copia de uma photographia do sr. A. Bobone)

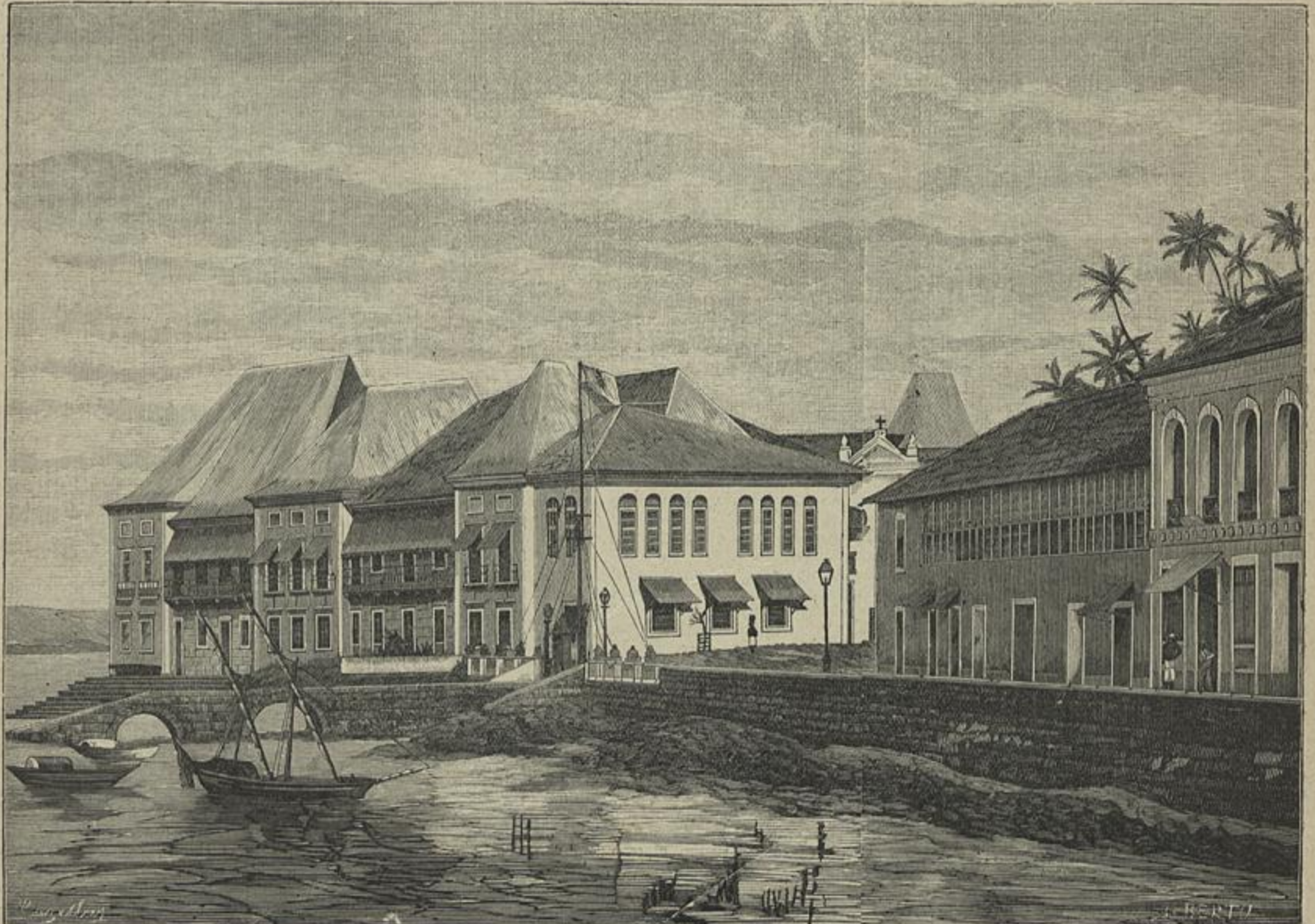
contrariados e mal dirigidos, diga-se a verdade, pelo ministerio da Marinha e Ultramar.

Resumindo pois as nossas considerações sobre o *nativismo*, sobre o *indianismo* affigura-se-nos que estas ideias applicadas á India Portuguesa são antinomicas e repugnantes cuja demasiada centralisação tem sido obnoxia e fatal, no passado como no presente.

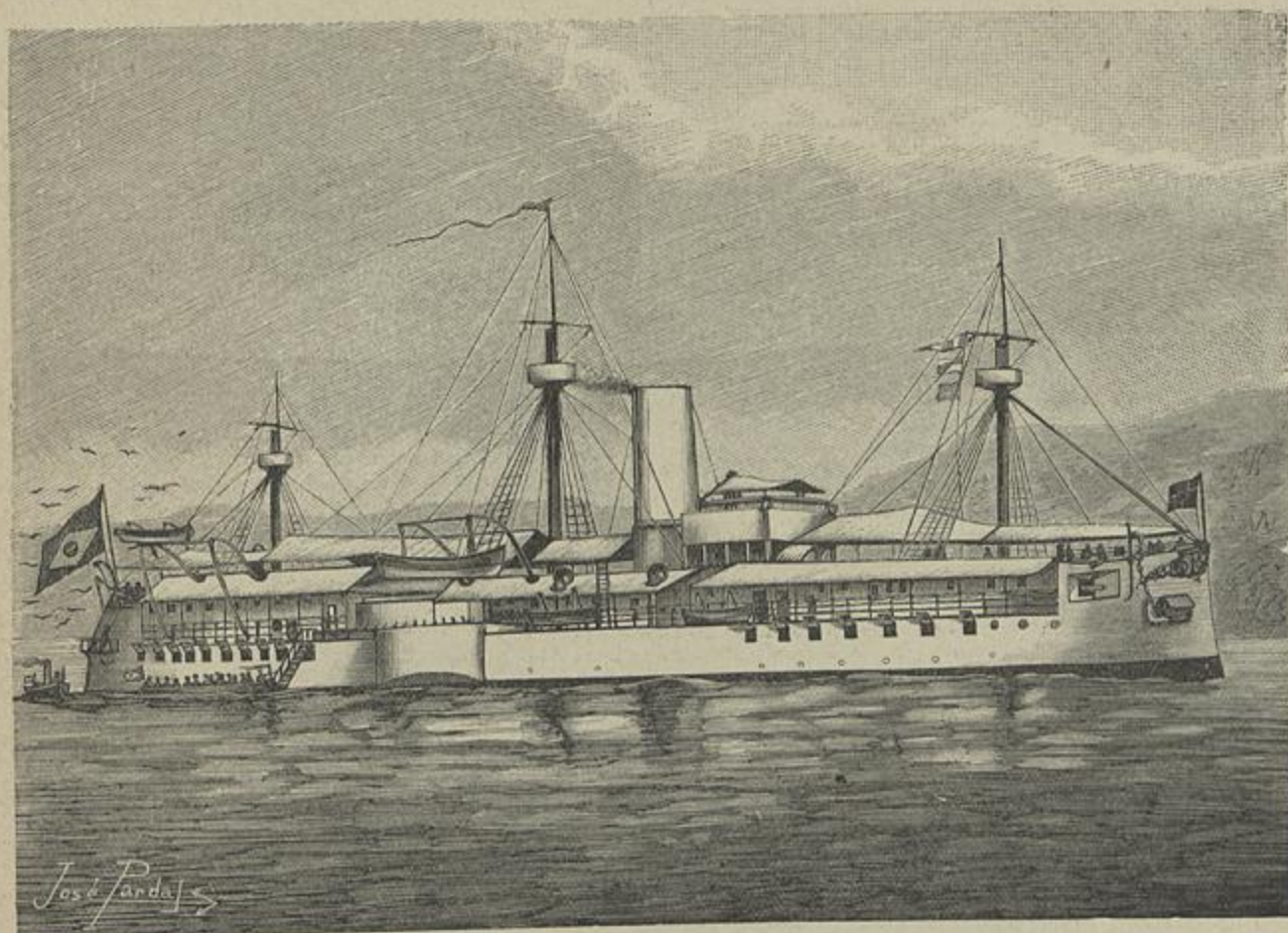
Não é que na Secretaria da Marinha e Ultramar não existam individualidades distinctas e competentemente habilitadas, capazes de desempenhar condignamente o papel de ministro ou de director geral, mas é porque em virtude do principio juridico *ad impossibilia nemo tenetur* não se pode exigir dos seus illustrados membros esforços sobrehumanos, que obstem ao esphacelamento do nosso dominio colonial na Asia, nas duas Africa e na Oceania; esphacelamento derivado de uma demasiada centralisação.

A prova desta asserção está nos poderes latitudinarios concedidos ao nosso actual commissario regio em Moçambique, faculdades ultimamente decretadas pelo actual gabinete e concedidas ao distincto oriental dos Açores, Ilha de S. Miguel, a mais rica, a mais populosa do archipelago.

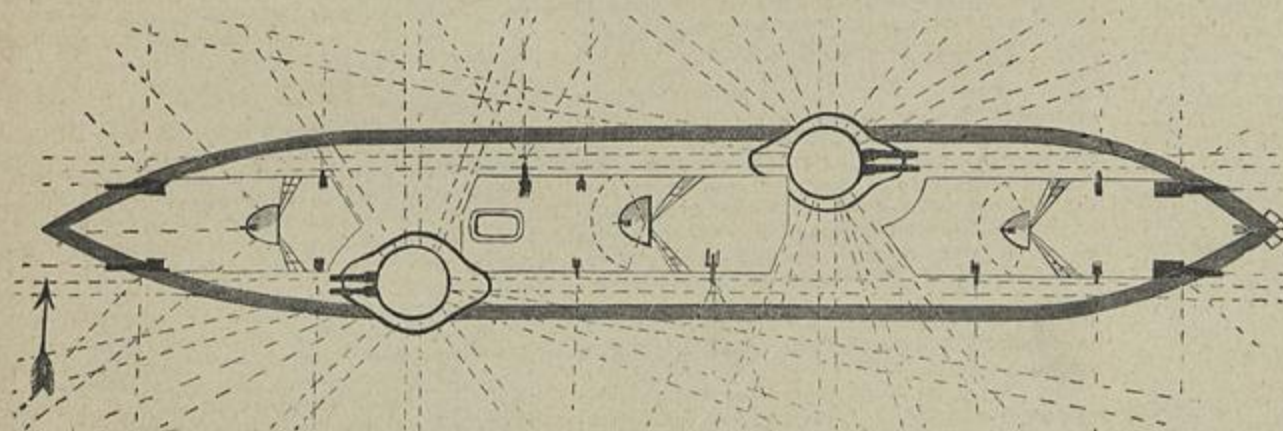
As colonias quando attingem um elevado grau de instrucção, e elementos separatistas tem direito se assim lhes apraz por sua conveniencia a separar-se da metropole, como fizeram no seculo passado os Estados sujeitos ao dominio da Grã-Bretanha, na America septen-



PALACIO DO GOVERNO NA INDIA



O COURAÇADO BRAZILEIRO «24 DE MAIO» FUNDEADO NO TEJO



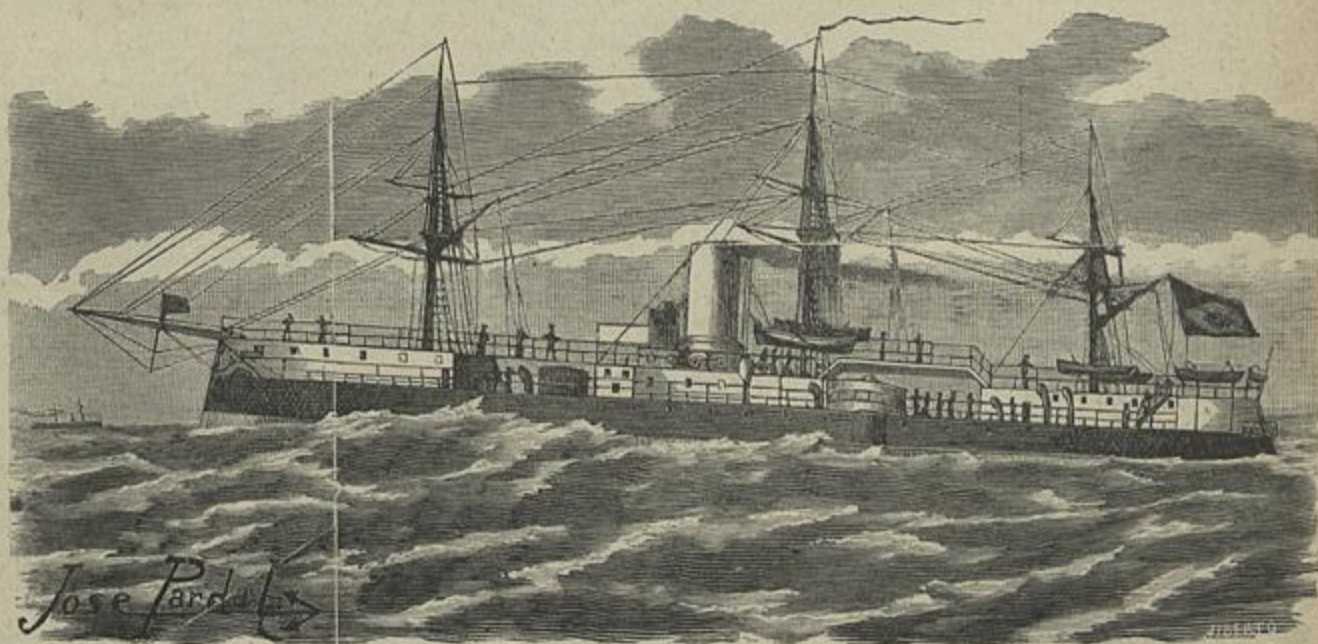
PROA

PLANTA DO CONVEZ E ARTILHERIA DO «24 DE MAIO»

trional, como fez o Brazil no principio do actual seculo, mas a revolução das classes umas contra as outras, mas o incitamento á revolta dessas classes, d'essas castas umas contra as outras n'um paiz como a India Inglesa, e como a India Portuguesa não constituem um direito que se deva tolerar ou respeitar, nem no interesse da metropole, nem no interesse mesmo d'essas classes. O dever dos governos, n'estas condições, não pode ser fomentar ou consentir essa anarchia mas extingui-la, sem desfalecimento como sem rigores exagerados, no intuito sómente de salvaguardar não só o dogma tutelar da nacionalidade, mas o da civilização.

Nativismo, indianismo, são coisas absolutamente incompatíveis com o nosso direito publico moderno.

A' luz d'estes principios applaudimos como cidadão



O COURAÇADO BRAZILEIRO «AQUIDABAN», ACTUALMENTE «24 DE MAIO»

portuguez a ultima expedição enviada ás aguas de Goa, para restabelecer a ordem, e o imperio das leis.

Não nos parece tambem com uma illustrada folha da capital o *Diario de Noticias* que a India deva ser hoje considerada, como um povo conquistado, mas como uma parte intepante da monarchia portugueza, consubstanciada com ella

Mas pelo principio juridico de que quem quer os fins tem de lhe applicar os meios, é mister seguir o exemplo das nações maritimas coloniaes como a Inglaterra e a Hollanda, que dão aos governadores mais amplas facultades para governar.

Se no antigo regimen ao fundador do imperio portuguez no oriente, Affonso d'Albuquerque, não tivessem sido outhorgadas, tão amplas facultades, como se teria levantado com tanto esplendor a nacionalidade portugueza até ao momento em que essa nacionalidade desapareceu em Alcacer-Quibir, pelo mais funesto dos cataclismos?

E' impossivel n'um paiz em que a força se traduz pela superioridade do numero, arcar com essa força por meios violentos.

A India é uma d'essas regiões em que o sentimento religioso e mystico absorve todos os outros.

Quem não sabe que esses diversos systemas religiosos serviram de typos ás religiões dos outros povos?

O Brahmanismo, que foi a religião dos conquistadores arianos, professado actualmente nas Indias orientaes e occidentaes por mais de cem milhões de sectarios occupa o quarto logar no mundo depois do budhismo, do christianismo e do islamismo.

Ninguem como a Grã-Bretanha comprehende melhor o segredo de viver em paz com estes eloquentes algarismos; consiste esse segredo em empregar para triumphar da superstição local de todos os meios moraes mui-





Foi pelo meado do século xv que este estado de cousas mudou e as sciencias se tornaram accessiveis a todos, graças á estupenda invenção da Imprensa, esplendida herança que a idade media nos deixava, nas vasças de uma epoca deslumbrante que se chamou a Renascença.

Todavia, como dissémos, em varios pontos d'este estudo, a arte de miniar, chamada então: illuminação dos debuxos, em Portugal subsistiu até aos fins do século xvii. E d'essa vida nos dá formosissima amostra o Missal de Estevão Gonçalves.

N'uma collecção manuscrita intitulada *Jardim Historico*, volume xxxvii — (N.º 344 dos manuscritos da Bibliotheca da Universidade de Coimbra) vimos um

#### «Breve tratado de Illuminação

*Composto por hum religioso da ordem de X p.º repartido em tres partes.*»

Eis o resumo do curioso livro:

«Na primeira parte, declara-se o nome das tintas, como se moem, apuram, conservam e compoem.

Na segunda, como se fazem diversas misclas, e de suas composturas e os nomes dos instrumentos necessarios á arte de illuminar.

Na terceira, como se fazem algumas tintas de novo e como se conservam para usar d'ellas. E mais de trez maneiras de pegar ouro em letras, e mil outras receitas.»

A letra accusa ter sido escripta no século xvii. E' pois, um apreciavel repositório dos perdidos segredos technicos de tão mysteriosa e encantadora graciosa arte.

(Continúa).

Esteves Pereira.

## SÉ DE LISBOA

(Continuado do numero anterior)

A este segue a capella do Santissimo Sacramento, com sua porta de grades douradas. A disposição da luz é realmente feliz. Quem acerta de chegar ao gradeamento em occasião de estar descerrada a cortina que por dentro o tapa quasi sempre, gosa da linda vista que apresenta esta capella, que é moderna, mas muito concertada, rica, e harmonica no seu genero. Ha primeiro uma antecamara sem luz, e que assim fórma um primeiro plano muito escuro, sobre o qual ressaie ao fundo, com a sua ornamentação fortemente colorida, as suas alcatifas opulentas, as suas flores, os seus damascos e oiros, a camara do sacrario. N'esta não se vê d'onde vem a luz, que jorra de cima, muito a proposito, suave, e artistica.

É um recinto este extremamente devoto. Vejam como a arte, dirigida com intelligencia e acerto, conspira de mãos dadas com a religião para elevar e melhorar a alma humana!

Por cima do arco ogival da entrada vê-se um quadro grande e bom, de Pedro Alexandrino, representando symbolicamente a Eucharistia commentada pelos doutores da Igreja. Vê-se a Particula n'uma custodia de ouro, collocada n'um pedestal de pedra ao centro do quadro: e de roda estão, meditando e escrevendo, em posições respeitadas e concentradas, S. Jeronymo, Sancto Agostinho (que por signal é retrato do outro de Vieira Lusitano que esteve na portaria da Graça e hoje está na Academia de Bellas Artes), um Papa, e mais dois Sanctos, que não posso marcar ao certo quem sejam.

Antes do terremoto havia n'um arco da capella do Sacramento, á face do claustro, uma sepultura com uma figura de pedra deitada, que parecia ser de bispo alli sepultado.

Por traz da mesma capella via-se uma campa com dois lettreiros; um gothico, outro moderno, que dizia:

AQUI JAZ JOÃO ROIS DEÃO, E C. NEGRO  
QUE FOY DESTA SÉ, NÚNCIO APP.º E COLLEITOR G.º  
NESTE REYNO, MORREO NO ANNO DE 1454¹.

Em frente da capella do Sacramento estava uma sepultura com este letreiro:

AQUI JAZ B.º DA COSTA  
THES.º E CONEGO QUE FOY DESTA SÉ  
POR ESPAÇO DE VINTE ANNOS  
VARÃO INSIGNE EM VIRTUDE  
RARO EM DESPREZO DE SY  
E DO MUNDO, E CARIDADE COM  
OS POBRES, EM SUA MORTE FOY  
DESTE POVO ACLAMADO POR  
SANTO, ROTAS E LEVADAS  
POR BELIQUIAS SUAS VERTIDURAS,  
FALECEU A 27 DE M.º DE 1608  
DE 55 DE ID.º

Junto d'esta sepultura, outra que dizia:

ESTA SEPULTURA HÉ DE  
APP.º FURTADO DE MENDONÇA  
DEÃO QUE FOY DESTA SÉ FALLECEO  
A 30 DE MAYO DE 1600

Já nenhuma d'essas lapides se vê no sitio indicado. *les morts vont vite.*

Defronte d'esta mesma capella do Sacramento, nota-se na parede opposta um quadro grande e apreciavel, figurando a ressurreição de Christo e a sua saída do tumulo. E', já se vê, do incansavel Pedro Alexandrino, que o assignou e datou: *P. Alex.º inuent e pint. 1780.* Obra ainda de mais empaste e mestria, me parece, que a do Salvador do Mundo.



LUIS PASTEUR — FALLECIDO EM 29 DE SETEMBRO DE 1895

No altar collateral á esquerda da capella-mór, está a imagem historica de Nossa Senhora a Grande. O altar é seiscentista, ornamentado de columnas salomonicas de marmore de côres. A imagem é de pedra pintada, e de tamanho natural. Ainda no século passado se lhe chamava a *Senhora de Bettencourt*¹; porque? porque uma antiga tradição refere, que a trouxera de França, da cidade de Bettencourt (na Normandia) o celebre Martim Affonso de Sousa filho de Lopo de Sousa.

Era tida esta Sancta como boa intercessora em occasiões difficeis, e por isso costumavam as senhoras de Lisboa que estavam para ser mães, beber por devoção agua onde se deitavam pós raspados da pedra da imagem; para o que lhes vendiam os sachristães o pó que iam arranhar nas costas de Nossa Senhora. São usos que apesar de tudo quanto encerram de ridiculo, não posso deixar de respeitar pela intenção. D'ahi provém, segundo me affirmaram na sé, uma cova muito grande que a estatua tem nas espadoas; pelo que foi prohibida (e muito bem) aquella sacrilégio piedosa raspadella.

¹ No sabbado 2 de julho de 1746 foram a rainha, a princeza da Beira, e as infantas D. Maria Anna e D. Maria Francisca Dorothea fazer oração a *Nossa Senhora de Bettencourt*, diz a *Gazeta de Lisboa* n.º 28, de 12 de julho do citado anno.

N'este mesmo altar estava até 30 de setembro de 1883 a Senhora da Rocha apparecida em Carnaxide; para lá foi transferida n'esse dia em grande pompa. A fim de substituir esta imagem, a que se habituara por mais de sessenta annos a piedade do publico, instituiram alguns devotos uma nova irmandade da Padroeira do *mano*, com séde em igual sitio. A inauguração solemne foi em 11 de janeiro d'este anno de 1885, com grande festa vocal e instrumental, bodo a cincoenta pobres da parochia, e vestuario a sete meninas.

O altar que faz symetria com este é o de Sancta Maria Maior; linda physionomia de estatua, de uma doçura encantadora!

Depois, correspondendo á capella do Sanctissimo, está, no braço direito da cruz, a capella de S. Vicente. Paremos um minuto.

E' de muita antiguidade na sé o culto de S. Vicente; hoje tem o martyr esta sua mencionada capella, privilegiada *in perpetuum*, ao lado oriental do braço direito da cruz do transept. Até 1755 teve um nobre altar na capella mór do templo. Por 1530 e tantos escrevia Acenheiro: *Foi achado* (o corpo de S. Vicente) *perá haver o jazigo que ora tem em Lisboa na capella maior da dita cidade, onde ante seu altar se sellebrão cõtinuos officios devinos*².

Visto que fallei da capella-mór da sé, direi alguma coisa mais, para conservar memorias d'ella, de todo substituidas pela reconstrucção moderna.

Quanto ao antigo aspecto, não ha já agora descripção, que não seja inteiramente conjectural.

Imagino o recinto fechado de uma abobada artesoadada, acabando em cabeceira curva, e roto de altissimas janellas em ogiva com vidraças coradas, que dão sobre o recinto das capellinhas absidaes. Por ahi se illumina esta capella-mór n'um clarão suave de segunda luz, cheio de magestade e mysterio. Ao topo, n'um embasamento elevado em degraus ergue-se a cathedra do bispo, ladeada de bancos negros de espaldar, onde costumam sentar-se os membros do cabido³. A' direita da cathedra, os tumulos d'el-rei D. Affonso iv e da rainha D. Brites, formosas arcas de pedra já por mim descriptas. A' esquerda da mesma cathedra, isto é, á direita do povo, o tumulo, posteriormente demolido, de D. Gilberto primeiro bispo de Lisboa, e o altar de S. Vicente, em cujo retahulo começa talvez a emphase peninsular a accumular obras de talha, folhagens, imagens e doirados, que desdizem da singelesa usada nos primitivos seculos da Igreja. Ao meio, dentro de um pequenino sanctuario de cortinados de correr sobre ligeiros arames suspensos a pilares de bronze, ergue-se sobre columnellos de pedra a prancha do altar-mór; e atraz d'ella um baldaquino ogival todo rendilhado, de cujo alto pende no ar um cofre de prata lavrada riquissimo, onde se encerra a Eucharistia; uso que se conservou em varios templos até dois seculos atraz⁴.

Eis ahi, pouco mais ou menos, o que (segundo nos dão a entender os estudos architectonicos) deveu ser na sua primitiva, até ao século xiv ou xv, a veneranda capella-mór da sé de Lisboa. Que pena é porém, que só por sonhos a possa o curioso entrever!

¹ *Chron. d'El-Rei D. Affonso i, cap. iii.*

² *Jusqu'au xiii, siècle, les trônes des évêques et les stalles des chanoines réguliers étaient disposés généralement, dans les cathédrales, au chevet; le trône épiscopal le centre. — Viollet-le-Duc, Dict., verbo Autel, 22.*

³ *L'usage de réserver l'Eucharistie dans des réduits tenent aux retables des principaux autels ne remonte pas à plus de deux cents ans; et encore, à la fin du xviii siècle, conservet-on l'Eucharistie dans des boîtes en forme de pavillons ou de tours, ou dans des colombes d'argent, suspendues au dessus des autels majeurs des grandes cathédrales et des églises monastiques. — Viollet-le-Duc, Dict. rais., verbo Autel, pag. 47.*

(Continúa)

Julio de Castilho.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 37

¹ Mem. mss. da bibl. nasc. de Lisboa—A 4—5—fl. 40 v.